

A vingança do Sarapuí

O rio que levou prosperidade à Baixada Fluminense, hoje, só traz doenças e prejuízos para os que vivem às suas margens. Um dos principais meios de escoamento da produção dos distritos rurais do médio-fluminense para a então capital do Brasil, Rio de Janeiro, até meados do século XIX, o Rio Sarapuí teve papel crucial no desenvolvimento da região. Em troca, ganhou uma sentença de morte. Há 30 anos, virou um valão.

Em seus 36 quilômetros de extensão, o Sarapuí cruza a mais densamente povoada mancha urbana da Baixada, passando por Nilópolis, Mesquita, Belford Roxo, São João de Meriti e Duque de Caxias. Poucos quilômetros abaixo de suas nascentes, na serra de Bangu, o então límpido córrego já ganha status de problema ambiental. Para retratar a vida de mais de 136 mil pessoas que vivem à beira desse gigante, os jornalistas Flávia Junqueira e Cléber Júnior acompanharam por um ano e dois meses 27 famílias, de Bangu a Caxias. Análises químicas do rio embasam a série de reportagens que começa a ser publicada hoje.

O rio destila o seu veneno

Moribundo, o Sarapuí segue seu curso de 36 quilômetros contaminando uma população ribeirinha com mais de 136 mil habitantes. É a vingança do rio contra o homem que continua poluindo suas águas sujas

Texto: Flávia Junqueira

flaviaj@extra.inf.br

Fotos: Cléber Júnior

cleber.junior@extra.inf.br

Davi, de 2 anos e 6 meses, morador da favela Dique 2, em Duque de Caxias, brincou de carrinho às margens do rio durante toda a manhã. Horas mais tarde, a criança teve febre. Em seguida, diarreia e vômitos. À noite, como acontece rotineiramente, o menino agonizou com falta de ar. A mãe iniciou o soro caseiro e o levou ao posto. Lá, o médico disse que pouco podia fazer. Daria o remédio, o pequeno ficaria bom, mas logo retornaria com o mesmo quadro. Davi é uma das 136 mil vítimas de uma vingança cega, indiscriminada e involuntária. Envenenado pelo despejo de toneladas de esgoto e lixo durante mais de um século, o Rio Sarapuí, hoje moribundo, devolve aos que estão às suas margens, em forma de doenças, o tratamento recebido.

Geneci Socorro Santana, de 38 anos, conhece bem a sede de vingança do Sarapuí. Morando ao lado do rio, ela luta para manter Davi e seus outros três filhos com saúde.

— Vira e mexe, as crianças têm diarreia, feridinhas na pele e frieiras. A água chega por um cano que puxamos. A casa, depois da enchente de dezembro, está caindo e as paredes,

mofadas. Davi tem muita falta de ar. Passo as madrugadas acordada com ele. É uma tristeza ver meu filho agonizando — disse Geneci.

Nem sempre foi assim. O Rio Sarapuí e a população ribeirinha já viveram uma história de amor. No século XVII, o rio era uma avenida de riquezas, por onde passava a produção dos engenhos de cana de açúcar para a porto do Rio de Janeiro. Mais tarde, no século XVIII, foi usado como escoadouro para a Europa, com escala no Rio, do ouro que vinha das minas gerais.

O pagamento por anos de serventia foi uma sentença de morte. O envenenamento do rio foi um crime premeditado. O poder público permitiu a ocupação irregular do leito e fez vistas grossas para a instalação de indústrias poluidoras. Cerca de 65% dos domicílios à beira do rio despejam esgoto diretamente nas águas do Sarapuí. Eles são vizinhos de 155 fábricas. O governo do estado garante que controla a atividade poluidora delas. Mas é questionável: na altura de Nilópolis, uma fábrica de gesso despeja material nas margens do rio.

— Em contato com o esgoto, o sulfato de cálcio (do gesso) se transforma em gás sulfídrico, que libera o cheiro de ovo podre que se sente às margens do rio e causa intoxicação — alerta o engenheiro químico Gandhi Giordano, professor da Uerj.

O grau de envenenamento, acumulado em anos de lançamento de esgoto e lixo, está retratado no resultado de análises da água feitas em cinco pontos diferentes do Sarapuí pelo Laboratório de Engenharia Sanitária da Uerj, a pedido do EXTRA. Em alguns de seus trechos, o rio apresenta cerca de 160 milhões de coliformes totais (bactérias oriundas do intestino) e 54 milhões de E.coli (bacilo que vive no intestino e que causa doenças) por 100 ml de água. O que foi um caminho de ouro não passa hoje de uma vala de esgoto. E quem sofre na pele a revanche do rio são as pessoas que moram naquelas margens por necessidade, que miram seus canos de esgoto para o leito do rio por falta de opção.

Contra essa vingança, Geneci tem poucas armas. Ela ferve a água que traz em galões para as crianças beberem. Em dias de chuva, joga papelão e carpetes velhos no chão para tentar secar as poças e a lama. O ar pesado dentro da casa sem janelas é quase irrespirável.

Vizinha de Geneci, Lucitânea Custódio, de 24 anos, também vive às voltas com a saúde de seus dois filhos. As casas das duas famílias têm o Sarapuí à frente e uma vala atrás. E, assim como nos quase 36 quilômetros de extensão do rio, a água chega às torneiras de Geneci e Lucitânea por canos furados, sobre a lama.

— Isso não é rio. É um valão — disse Lucitânea, com tom de ressentimento. — Nasci e cresci aqui. E quando tem ressaca no mar ou chove forte, essa água invade o meu quintal. Em dezembro, inundou minha casa.

Ela trabalha na rampa de Gramacho, catando lixo. Mas isso, quando o Sarapuí deixa:

— As crianças têm muita febre, vômito, diarreia. Minha filha está doente. Vou levá-la ao posto e não fui trabalhar. Se não trabalho, não trago comida. Minha luta é diária para viver.

Análises da água revelam a contaminação

Um rio que já nasce agonizando e, poucos quilômetros depois, desce morto até o mar. O cenário que causa repulsa e deixa o ar irrespirável se traduz em números assustadores a partir das análises feitas pelo Laboratório de Engenharia Sanitária da Uerj, a pedido do EXTRA.

Já no primeiro ponto de coleta, poucos quilômetros depois de suas nascentes, na Vila Catiri, Bangu, o nível de oxigênio dissolvido nas águas é 4mg por litro. Segundo a resolução 357 do Conselho Nacional de Meio Ambiente, o mínimo para haver vida marinha garantida é de 5mg. Parâmetros usados pela engenharia sanitária para medir a quantidade de matéria orgânica, resultado do despejo de esgoto e lixo, são duas vezes — em alguns trechos, três vezes — maior do que o aceitável.

Em Catiri, onde o rio é mais raso e um pouco mais claro, as medições já alertam para a contaminação. É ali que, há 23 anos, o pedreiro Gabriel Gomes da Silva, de 58 anos, construiu sua casa sobre três sapatas de concreto fincadas no fundo do rio. São dois quartos, sala, banheiro e uma área aberta projetada para cima do rio, onde foi instalado um tanque, um chuveiro e uma privada, cujo escoamento se dá na vertical — como não poderia deixar de ser — para dentro do rio.

— Podemos dizer que um terço da vazão desse rio é esgoto — disse o engenheiro químico Gandhi Giordano, responsável pelo monitoramento feito pela Comlurb nas águas do Sarapuí, no entorno do aterro sanitário de Gramacho.

O que ele diz está registrado no resultado das análises: na altura da Chatuba, em Mesquita, o nível de oxigênio dissolvido é 2,9mg por litro; em Nova Cidade, bairro de Nilópolis, 1mg por litro; já em Vila Norma, São João de Meriti, o índice chega a dramáticos 0,9mg; para fechar a 0,8mg em Gramacho, onde bolhas de gás metano emergem do lodo.

É diante desse rio morto, no Dique 2, que o pequeno Sidney Gabriel toma seu banho de sol nos braços da mãe, Roseane Mello, de 24 anos. São seus primeiros dias de vida, completamente vulnerável à vingança do Sarapuí.

Um rio que faz história

1500

A região por onde passa o Rio Sarapuí era habitada pelos guerreiros índios da tribo dos tupinambás. Sarapuí seria uma variante, na língua tupi, de Çarapó-y, rio dos sarapós, nome de um peixe de água doce em forma de enguia que escapa ou escorrega das mãos, também chamado de faca.

1704

O vasto leque hidrográfico da Baixada Fluminense, no qual está o Rio Sarapuí, foi um sistema viário pioneiro em direção às minas gerais, no século XVIII, e contribuiu para a formação do maior porto comercial do Brasil, no Rio de Janeiro, a partir da abertura, em 1704, do chamado "Caminho do Ouro".

1753

O Sarapuí teria sido testemunha de uma história de amor. Diz a lenda que D. Pedro I teria construído um sítio às margens do rio, na altura de onde está hoje o município de Caxias, para sua amada Marquesa de Santos. A linda construção, que parecia um castelo e existiu até os anos de 1960, seria na verdade a sede da fazenda Nossa Senhora da Conceição da Boa Vista do Pantanal, da matriarca Águeda Maria Francisca de Queirós Melheiros.

Legenda da foto: Lucitânea sai de casa, às margens do Rio Sarapuí, na favela Dique 2, em Duque de Caxias, para levar o filho ao médico. O contato com a água contaminada do rio provoca diarreia, febre e vômito nos moradores, mas as crianças são as principais vítimas da tragédia ambiental que se estende de Bangu à Baía de Guanabara Davi e a mãe, em 2009

Inclui quadro: resultados de uma necropsia